

A EXPRESSÃO *IDOÙ HO ÁNTHRŌPOS* EM JO 19,5
COMO CITAÇÃO DE 1SM 9,17
A entronização do Rei de Israel

Conselho Editorial
Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Marcos André Menezes dos Santos

A EXPRESSÃO *IDOÙ HO ÁNTHRŌPOS* EM JO 19,5
COMO CITAÇÃO DE 1SM 9,17
A entronização do Rei de Israel

LETRACAPITAL

Copyright © Marcos André Menezes dos Santos, 2021

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Ana Clara Moita

PROJETO GRÁFICO

Luiz Guimarães

REVISÃO

Vera Regina Polillo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S236e

Santos, Marcos André Menezes dos

A EXPRESSÃO *IDOÛ HO ÁNTHRŌPOS* EM JO 19,5 COMO CITAÇÃO DE ISM 9,17.
A entronização do Rei de Israel / Marcos André Menezes dos Santos, sob coordenação de
Waldecir Gonzaga. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

166 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-89925-03-3

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia - Teologia. 3. Jesus Cristo. I. Título.

21-71081

CDD: 220

CDU: 27-23

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781
www.letracapital.com.br

À minha família

Agradecimentos

Este livro, que agora faço vir a público, é fruto da dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 2016. Com certeza, sem o apoio de alguns, este trabalho não teria sido concluído. Assim, gostaria de manifestar a estes os meus agradecimentos.

Primeiramente a Deus Uno e Trino, fonte e autor de toda vida.

À Profa. Dra. Maria de Lourdes Corrêa Lima, minha orientadora, que com destreza e maestria me conduziu neste trabalho, dedicando-me tempo e um acompanhamento atento, essenciais para que a dissertação tomasse forma.

Aos excelentíssimos professores doutores: Abimar Oliveira, Isidoro Mazzarolo, José Otácio, Leonardo Agostini e Waldecir Gonzaga, pela dedicação e pela sabedoria a nós comunicadas.

Aos professores doutores Joel Portella Amado e Luiz Fernando, pelo apoio e orientação, pela possibilidade de convívio e aprendizagem, pela graça de juntos formarmos uma comunidade sacerdotal.

Aos colegas de curso: Leandro Nandi, Leonardo, Lúcio, Joseph Teophile, Samuel e Vilson, pela convivência e pela amizade.

Aos professores doutores Márcio Moitinha, Vera Regina Polillo e Luis Maurício.

À minha família, que sempre me apoiou em cada passo dado: meus pais, Juarez e Josefa; minhas irmãs, Nívea e Ir. Maria Macrina; meu irmão, Cícero André; minha cunhada, Ana Maria, e meus sobrinhos: Júlia e Jean.

Aos professores doutores Marcos Santana e Renato Machado, amigos adquiridos e que me incentivaram para o início dos estudos teológicos.

Aos padres da minha Diocese de Palmeira dos Índios - AL, sem a ajuda dos quais eu não poderia ter me ausentado da Diocese para dar continuidade aos estudos.

À Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, que me acolheu durante todo o meu período de estudos.

A Dom Dulcênio Fontes de Matos, então Bispo da Diocese de Palmeira dos Índios - AL, por todo apoio e confiança, permitindo-me esse tempo de estudos.

A todos os amigos e amigas que, de um modo ou de outro, me ajudaram com suas orações e estímulo.

Sumário

Prefácio	11
1 Introdução	15
2 Ἴδου ὁ ἄνθρωπος na Sagrada Escritura	19
2.1 Ἄνθρωπος no grego clássico, na Septuaginta e no NT.....	19
2.2 Ἄνθρωπος no Quarto Evangelho	21
2.2.1 Ἄνθρωπος – sentido genérico	21
2.2.2 Ἄνθρωπος – em referência a indivíduos em particular	26
2.2.3 Ἄνθρωπος – em referência a Jesus	29
2.2.4 Quadro Sinótico das ocorrências do termo ἄνθρωπος no QE.....	38
3 O cenário da expressão שׂוֹמֵר הַבַּיִת de 1Sm 9,17	41
3.1 A Narrativa de Saul em 1Samuel	41
3.1.1 As distintas narrativas da eleição de Saul.....	44
3.1.2 A narrativa da eleição de Saul em 1Sm 9,1-10,16 e alguns aspectos redacionais	45
3.1.3 Estrutura e Conteúdo de 1Sm 9,1-10,16	50
3.2 Crítica Textual e Crítica da Forma de 1Sm 9,14b-17.....	56
3.2.1 Crítica Textual de 1Sm 9,14b-17	56
3.2.2 Crítica da Forma de 1Sm 9,14b-17.....	57
3.2.3 Estrutura Simétrica de 1Sm 9,14b-17.....	63
3.3 Comentário Exegético a 1Sm 9,14b-17	66
3.3.1 Contexto para o surgimento de Saul como primeiro rei de Israel.....	67
3.3.2 Introdução ao encontro entre Samuel e Saul	74
3.3.3 Anúncio da Revelação de Yhwh a Samuel.....	77
3.3.4 A Revelação de Yhwh a Samuel: um homem salvará o povo	78
3.3.5 A Confirmação de Yhwh a Samuel: Saul como o homem escolhido	81

4 O sentido da expressão Ἰδοὺ ὁ ἄνθρωπος em Jo 19,5	83
4.1 As cenas da Paixão em Jo 18-19 e seu conteúdo	83
4.1.1 A estrutura e o contexto de Jo 18-19	85
4.1.2 A Narrativa da Paixão.....	86
4.1.2.1 Jo 18,1-11: A entrega de Jesus no jardim.....	87
4.1.2.2 Jo 18,12-27: Jesus diante do sumo sacerdote e as negações de Pedro	89
4.1.2.3 Jo 18,28-19,16a: Jesus diante de Pilatos, o julgamento do “Rei dos judeus”	92
4.1.2.4 Jo 19,16b-42: Crucifixão, morte e sepultamento de Jesus, o “Rei dos judeus”	97
4.2 Jo 19,5 – Crítica Textual e Crítica da Forma de Jo 19,4-8... ..	100
4.2.1 Crítica Textual de Jo 19,4-8.....	100
4.2.2 Crítica da Forma de Jo 19,4-8.....	103
4.2.3 Estruturas de Jo 19,4-8	108
4.3 Comentário exegético a Jo 19,4-8.....	111
4.3.1 Jo 19,4-5: A irônica apresentação de Jesus como “Rei dos judeus”	111
4.3.2 Jo 19,6-8: A irônica rejeição de Jesus como “Rei dos judeus”	120
5 Relações finais de Jo 19,5: com 1Sm 9,17, com o QE e com 1Sm 9,1-10,16	136
5.1 Jo 19,5 e 1Sm 9,17: ἰδοὺ ὁ ἄνθρωπος.....	136
5.2 Jo 19,5 em relação ao uso de ἄνθρωπος no Quarto Evangelho	142
5.3 Jo 19,4-8 e o contexto imediato de 1Sm 9,17	143
6 Conclusão	145
7 Referências Bibliográficas	149
Posfácio	161

Prefácio

A concepção do messias rei, filho de Davi, é um dos pontos mais relevantes do Antigo Testamento, fortemente presente nas tradições judaicas e cristãs do primeiro século de nossa era. O Quarto Evangelho, diversamente dos evangelhos sinóticos, contudo, nunca denomina Jesus como “filho de Davi”. Em João, sua realeza não é ligada à linhagem davídica: Ele é simplesmente o “Filho de Deus”, o “Filho” por excelência. Mesmo assim a realeza de Jesus é fortemente sublinhada. Especialmente nas cenas da paixão Ele é apresentado como rei (cf. Jo 18,33.37.39; 19,3.12.14.15.19.21), de modo que o processo que o leva à morte culmina na sua entronização messiânica: é sua elevação, exaltação e glorificação (cf. Jo 3,14; 8,28; 12,23). Considerado este contexto, admira que Jesus seja apresentado por Pilatos à multidão que pede sua morte como “homem” – “*Ecce homo*, Eis o homem” (Jo 19,5) –, numa expressão que utiliza não o vocábulo grego masculino (“varão”), mas o termo genérico que designa a humanidade: *ánthropos*, uma exclamação tão mais surpreendente quanto se esperaria que fosse dito, no desenrolar do julgamento, “eis o (vosso) rei”.

Por carregar um grande grau de dificuldade, a concisão da expressão “eis o homem” (ἰδοὺ ὁ ἄνθρωπος) levou a numerosas interpretações em meio exegético, seja no sentido de indicar desprezo ou, ao contrário, piedade, seja de referir-se à humanidade de Jesus, apresentando-o como o homem por excelência, o Filho encarnado, seja enfim moldando-o sobre a figura do Filho do Homem ou do Servo sofredor dos textos veterotestamentários. Além disso, chama a atenção a forma inusitada da exclamação, se comparada a outros usos joaninos. Em construções gramaticais paralelas à que se tem em 19,5, o evangelho usa a partícula ἴδε e não ἰδοὺ como ocorre aqui. Em outras palavras, a formulação foge ao estilo habitual do evangelista.

Por outro lado, verifica-se que, em toda a Escritura, incluindo o Antigo Testamento, tal expressão ocorre ainda somente uma vez, no texto de 1Sm 9,17, que relata a designação de Saul como rei para Israel.

Traçar uma relação intertextual entre as duas passagens pareceria, porém, à primeira vista, impossível, uma vez que Saul é, no livro de Samuel, posteriormente rejeitado por Deus. Que poderia, então, ter em comum com a realeza do Filho de Deus? Este desafio impulsionou a averiguar as possíveis relações entre os textos e, se comprovadas, a aprofundar a dimensão de significado que o texto veterotestamentário possivelmente poderia aportar ao texto joanino.

O estudo do texto do livro de Samuel, no quadro das tradições veterotestamentárias sobre Saul, deixa perceber que este, sendo oriundo da tribo de Benjamin, não está ligado diretamente a Jerusalém, mas ao povo de Israel em seu conjunto, incluindo as tribos da região norte do território. Considerando então o interesse do evangelho joanino para com os samaritanos (cf. Jo 4,1-42) e sua perspectiva de reunião de todos “os filhos de Deus dispersos” (cf. Jo 10,16; 11,52) seria possível compreender com mais propriedade por que o Quarto Evangelho se refere ao povo eleito como Israel (cf. Jo 1,47; 3,10) e não como “judeus”, denominação esta aplicada somente aos que se opõem a Jesus. Entender-se-ia também por que Jesus é denominado “rei de Israel” (Jo 1,49; 12,13) e não “filho de Davi”. Mesmo se Davi também reinou sobre as doze tribos, é Saul que mais bem representaria a dimensão ampla do messianismo de Jesus, que concerne também às regiões norte e central do território. Este complexo de significados poderia estar, então, por trás da expressão de Pilatos em Jo 19,5 e seria uma confissão velada da amplitude da dimensão soteriológica da missão do Filho de Deus encarnado.

Tais reflexões, fruto de estudo metuculoso e metodologicamente bem conduzido, são já uma significativa contribuição que o presente trabalho oferece para a compreensão da imagem de Jesus delineada no Quarto Evangelho. Seu mérito consiste igualmente, todavia, na superação de não poucas dificuldades em termos de abordagem metodológica. Com efeito, sendo o texto do Novo Testamento apresentado em grego, seria a partir da tradução grega do Antigo Testamento, testemunhada no texto atualmente aceito da Septuaginta, que o estudo seria conduzido. No entanto, a ausência de variantes textuais significativas entre o texto hebraico leningradense e a

Septuaginta orientou que se trabalhasse diretamente com o texto na língua original, de modo que foram aproximados dois campos linguísticos diversos, na busca do significado mais exato das passagens em questão. De outro lado, o fato de a expressão fugir ao estilo joanino e evocar diretamente um texto veterotestamentário indicou não ser necessário que se abordasse a tradição judaica extrabíblica que pudesse estar influenciando a referida passagem do evangelho.

Nesse sentido, o presente estudo supõe a estreita relação entre Antigo e Novo Testamento e aponta para a possibilidade e necessidade da consideração deste conjunto ao se refletir sobre o sentido de um texto bíblico. Esta coordenada hermenêutica, além dos resultados específicos do estudo dos dois textos, é já por si mesma mais uma contribuição importante que o presente trabalho oferece, em âmbito acadêmico mas também pastoral.

Em síntese, temos em mãos um texto cujo valor acadêmico merece ser grandemente reconhecido. Fica amplamente demonstrado, dentre outros pontos, que o texto joanino traz para a cena do julgamento de Jesus a eleição de Saul como rei de Israel, quais os motivos para tal procedimento e as consequências para a compreensão da passagem joanina. O que a princípio aparecia como hipótese ficou assim confirmado, aprofundado e bem atestado. Certamente os leitores deste estudo ficarão grandemente enriquecidos, com uma mais profunda compreensão do Evangelho de João e do significado das tradições bíblicas como cenário necessário para o Novo Testamento.

Profa. Maria de Lourdes Corrêa Lima

Rio de Janeiro, 9 de julho de 2021

Memória de Santa Madre Paulina

1

Introdução

É consensual entre os importantes comentadores de João que o tema da realeza é o fio condutor¹, o motivo teológico² que domina os distintos episódios do julgamento de Jesus (Jo 18,28-19,16a) no relato da paixão (Jo 18-19). No tocante aos episódios de Jo 18,28-19,16a, Jesus foi coroado e investido pelos soldados romanos, em Jo 19,1-3. Em seguida, foi apresentado como rei para ser aclamado pelo povo, em Jo 19,4-5. Entretanto, depois da apresentação dramática de Jesus diante dos chefes dos sacerdotes e dos guardas, em Jo 19,5, o que se esperaria aí é que saísse da boca de Pilatos a expressão “Eis o vosso rei”, de Jo 19,14, e o que se tem é a enigmática frase “Eis o homem” (Jo 19,5).

A frase acima, que transpôs o texto bíblico, tem despertado a pesquisa dos comentadores do Quarto Evangelho, por perceberem que, certamente, João tenha tirado a expressão de uma tradição ou feito alguma referência veterotestamentária, de modo que os autores têm-se diversificado quanto ao sentido da expressão ou a que texto ou a que tradição o evangelista tenha se referido.

Schnackenburg³ defende que não há nada de especial na expressão quando pronunciada por Pilatos, tendo em vista que este já teria anunciado Jesus com os termos [κατὰ] τοῦ ἀνθρώπου τούτου (“*contra este homem*”) em Jo 18,29. Brown⁴ sublinha que o ὁ ἄνθρωπος não tem nada de particular, mas no contexto dramático lhe confere certa importância. Muitos outros autores, por sua vez, desde os mais antigos até uns mais recentes, viram um sentido teológico na expressão, levando em conta o gosto de João pela ironia – quando o evangelista faz alguns personagens do seu Evangelho dizerem uma

¹ SCHNACKENBURG, R., *The Gospel According to St. John*, vol. 3, p. 247.

² BROWN, R.E., *El Evangelio según Juan*, vol. 2, p. 1252.

³ SCHNACKENBURG, R., *The Gospel According to St. John*, vol. 3, p. 256.

⁴ BROWN, R.E., *El Evangelio según Juan*, vol. 2, p. 1268.